

SERTILLANGES, Antonin-Dalmace. *A vida intelectual: Seu espírito, suas condições, seus métodos*. Trad. Lilia Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010 [7ª impressão: 2017], 200p. ISBN: 978-85-88062-86-3.

O tomista francês (1863-1948) é um dos mais reconhecidos intelectuais dominicanos da primeira metade do século passado, ao lado de Gardeil, Garrigou-Lagrange e Mandonnet. Foi o primeiro secretário editorial da *Revue Thomiste* e professor do Institut Catholique de Paris. Teólogo e filósofo de prestígio, escreveu inúmeras obras, sobretudo na área moral e tomista, como *La philosophie morale de Saint Thomas d'Aquin* (*A filosofia moral de São Tomás de Aquino*, 1916). Fr. Sertillanges é ainda mais conhecido pelo livro de espiritualidade *Ce que Jésus voyait du haut de la Croix* (*O que Jesus via do alto da Cruz*, 1924).

A presente obra, publicada em francês em 1920, também lhe rendeu reconhecimento internacional, com traduções e reedições em muitos idiomas, como o inglês, o italiano, o espanhol, o alemão, o holandês, o croata, o coreano e o português (já publicada em Coimbra em 1940).

Para compreender melhor o escrito, bem como alguns traços da biografia do frade dominicano, convém recordar um amargo episódio de sua vida. Durante a Primeira Guerra Mundial, Fr. Sertillanges tornou-se muito afamado por suas conferências patrióticas sobre a guerra, o heroísmo e o significado religioso da luta, proferidas na Igreja

da Madeleine (Paris). A mais célebre delas – na realidade um engodo – foi discursada com o nome de *La paix française* (A paz francesa), em 10 de dezembro de 1917. A cerimônia, presidida pelo Cardeal-Arcebispo parisiense L.-A. Amette, contou com a presença da Primeira-Dama e de outras personalidades nacionais. Nessa ocasião, o eminente pregador convidou os franceses à “cruzada” contra os “bandidos internacionais”.

Narra, pois, Daniel-Rops (*A Igreja das revoluções II: um combate por Deus*, São Paulo, 2006, p. 314) a esse respeito: “A frase capital desse discurso (pronunciado para incitar os franceses a doar ouro para a defesa nacional) era: ‘Santíssimo Padre, não nos é possível, por agora, atender aos vossos apelos de paz’. Correu então o boato, que parece confirmado por testemunhas dignas de fé, de que, embora tenha sido o Pe. Sertillanges quem *pronunciou* esse discurso, quem diretamente o *inspirou* foi o cardeal Amette [o que de fato foi comprovado]. Pelo menos, o texto impresso traz o *imprimatur* do arcebispado de Paris, datado de 5 de dezembro de 1917. O cardeal teria acedido a um desejo formal do presidente Poincaré. Foi só quando o cardeal Amette morreu que o Pe. Sertillanges partiu para o exílio

[em Jerusalém, Holanda e Bélgica], que duraria até 1939, ano em que Pio XII lhe restituiu todos os direitos. O dominicano encerrou-se num silêncio cheio de dignidade. A questão foi, contudo, extremamente dolorosa para ele, tanto mais que, em *La vie héroïque* [...] tinha justificado em termos perfeitos a posição de Bento XV”.

Esse malgrado episódio marcou para sempre a vida do teólogo. Um verdadeiro mal-entendido daquela *année trouble*, que o levou a deixar sua pátria em 1920, mas não o impediu de buscar incessantemente a verdade.

Essas breves pinceladas da biografia de Sertillanges nos auxiliam a compreender o fundo de quadro da redação do presente livro, cuja conclusão coincidiu com a sua partida para o exílio.

Com efeito, o que teria uma obra quase centenária a nos ensinar hoje?

O mais simples e o mais sublime, isto é, a busca da verdade, conforme se evidencia pelos dois prefácios (da segunda e da terceira edições francesas) contidos na presente versão. O intelectual católico tem ainda maior responsabilidade nessa tarefa, pois segue a Cristo Verdade. Essa busca deve ser desinteressada e isenta de objetivos egoístas.

No prefácio à segunda edição, o teólogo antecipa alguns fundamentos para esse empreendimento. Para ele, a obra verdadeiramente intelectual nasce da vida espiritual bem conduzida. Onde

convidar o leitor ao recolhimento, ao desprendimento, ao enlevo e à fuga das paixões desordenadas. Por outro lado, convida à boa ordenação e ao equilíbrio da vida, além da perseverança no trabalho.

A obra é dividida em nove capítulos e é inspirada nos *Dezesseis preceitos para adquirir o tesouro da ciência*, antigamente atribuídos a São Tomás de Aquino.

O Autor salienta de antemão que todo intelectual é um “consagrado”. Ora, todo trabalho intelectual requer dedicação, empenho e até mesmo austeridade: “A verdade só está a serviço de seus escravos” (p. 22). Cumpre, nesse sentido, prestar solícita obediência à voz de Deus, comprometendo-se desinteressadamente na busca do *verum*, evitando a ambição e a vaidade, verdadeiros sacrilégios contra essa vocação. Exige-se, pois, o robustecimento da vida espiritual, mas também a aplicação de certo método. Para as grandes conquistas requer-se paciência, capacidade de trabalhar sob pressão, valorização e organização do tempo, perseverança etc. Sendo assim, duas horas por dia de plena dedicação seriam suficientes para participar na “assembleia dos nobres espíritos” (p. 27).

Ao contrário das comuns representações dos intelectuais – misantropos, soturnos, confusos etc. –, o Autor sustenta que os doutos não podem se eximir da realidade. Afinal, a Cruz está presa à terra, e é nela que

somos convidados a reatualizar a Obra legada por Jesus Cristo. Em suma, toda verdade é sempre prática e nunca envelhece, contudo renova-se sempre, quando aplicada ao nosso tempo.

O segundo capítulo versa sobre as virtudes próprias ao intelectual cristão. Para Sertillanges, a intelectualidade pressupõe o exercício da virtude e a formação do caráter. Nessa seara, cita o mote tomista: “Um pequeno erro inicial chega grande ao final”, cuja lição impede encetar a vida por trajetos tortuosos. Assim, ela deve ser mantida num determinado regramento, tendo como cerne o amor, pois “a verdade vem aos que a amam, aos que se submetem a ela, e esse amor não ocorre sem virtude” (p. 32). A prática da verdade conhecida prepara para merecer a ignorada. Ademais, evitando os vícios que maculam a atenção, o virtuoso é o único capaz de alcançar a ciência, pois o bem e a verdade estão interligados. Atesta ainda Sertillanges: “A pureza do pensamento exige a pureza da alma” (p. 34), e “os grandes pensamentos vêm do coração” (p. 36).

A virtude própria do intelectual é a estudiosidade, setor da temperança que evita os extremos da negligência e da vã curiosidade. Quanto aos curiosos, o Autor convida a seguir a máxima tomista de se adentrar no mar por regatos, ou seja, de modo progressivo e sem ambições fúteis. Se o estudo visa o conhecimento de Deus ou do que d’Ele provém, a virtude da religião é também

relevante, no sentido de alcançar a verdade, ao navegar por águas do manancial divino. Nessa direção, é lícito concluir que todo estudo, com espírito de oração, é “um estudo da eternidade” (p. 39).

Contudo, a ênfase pautada no espiritual não significa desprezo do material (do corpo). Pelo contrário, Sertillanges salienta a necessidade de sua boa ordenação. A razão é simples: a matéria deve servir de instrumento eficaz – e não obstáculo – para o espírito. Negligenciar a saúde é tentar a Deus, além de interferir no livre progresso da alma. Nesse sentido, o Autor acena para a necessidade dos cuidados com a higiene, com o lazer e os exercícios, alimentação adequada, sono equilibrado etc.

O terceiro capítulo convida à organização da vida. É mister simplificar, ou seja, fugir dos caprichos, facilitar as tarefas domésticas, reduzir as atividades sociais fúteis etc. Se a vocação do intelectual exige consagração, ordena também à *concentração*. Onde a necessidade de se conservar a solidão, pois “muitas palavras fazem o espírito esvair-se como água” (p. 51). O retiro é como um “laboratório do espírito”, onde grandes obras foram compostas em clima de isolamento. É na paz que se ordenam as ideias, os sentimentos e as investigações.

Por outro lado, Sertillanges acata a cooperação dos semelhantes, sobretudo dos autênticos “amigos da verdade”.

Afinal, a intelectualidade não equivale a “trabalho”. O bom uso da vida, a moralidade e a “leitura” da sociedade são igualmente importantes, até mesmo como distração, ao passo que a pura abstração é frágil e perece facilmente. A solidão tampouco basta, pois muitos se dedicam a conversar trivialidades consigo mesmos. O silêncio é antes de tudo um estado de espírito.

O capítulo seguinte versa sobre o tempo dedicado ao trabalho. Sertillanges transpõe para a vida intelectual o preceito evangélico de “orar a todo o momento”. Como bom dominicano sustenta que o estudo deve ser permanente, na medida em que é “uma oração à verdade” (p. 67). Aproveita-se, ademais, toda ocasião para descobrir a verdade. Ele convida, então, o leitor a aguçar o senso de observação nas atividades externas. Em outras palavras, convém “estar sempre à espreita de pensamentos” (p. 73), vivendo na presença de Deus.

Quanto aos horários dedicados ao trabalho intelectual, o teólogo dominicano recomenda escolher os momentos mais favoráveis ou apetecíveis a cada um. Há indivíduos mais matinais, outros mais noturnos (neste caso, atente-se a resguardar o sono). Também aconselha portar sempre um bloco de anotações para a transcrição de ideias surgidas improvisadamente. A manhã, de qualquer forma, deve ser “sagrada”, consagrando-a desde logo com a elevação do coração (“*sursum*

corda”). Já a noite é santificada de maneira descontraída (por exemplo, com leituras leves ou conversas tranquilas). O descanso não deve ser entendido como perda de tempo, mas sim como um momento de revigoramento.

Metaforicamente, os intelectuais devem ser como crianças, entregando o “seu coração à verdade”, da qual são servidores (p. 80). A oração, a meditação e, em particular, a santa Missa são eficazes instrumentos nesse empreendimento, conduzindo-os a um estado de eternidade.

Nossa vida intelectual também possui certos picos, chamados de “instantes de plenitude”. Para esse efeito, demanda-se um ambiente de aproveitamento do tempo, de modo que nada prejudique o trabalho, sobretudo a falta de concentração: “Tudo deverá ser previsto para que nada venha atrapalhar, dissipar, reduzir ou enfraquecer essa preciosa duração. [...] Tenham regularidade no horário e presteza no ato de levantar, além de uma alimentação leve; fujam das conversas vazias, das visitas inúteis; limitem a correspondência ao estritamente necessário; amordacem os jornais. [...] Fujam acima de tudo do trabalho feito pela metade, [...] que é um descanso pela metade, não beneficia nem o descanso nem o estudo” (p. 85). Fuja-se, ademais, de pessoas inconvenientes, conserve-se a solidão e, antes de tudo, cultue-se a verdade.

O quinto capítulo estabelece o “campo de trabalho”. O Autor convida

de antemão à universalização do conhecimento, pois “nenhuma ciência basta a si mesma” (p. 89), ou melhor, todas estão interligadas (por exemplo, o progresso no estudo da moral pressupõe a psicologia).

O Autor também desaconselha a pura especialidade: “A matemática tomada isoladamente deturpa o raciocínio, habituando-o a um rigor que nenhuma outra ciência, e menos ainda a vida real, comporta. A física e a química obcecaram por sua complexidade e não conferem ao espírito nada de amplo. A fisiologia leva ao materialismo, a astronomia à divagação, a geologia os transforma num cão de caça farejador, a literatura os esvazia, a filosofia os estufa, a teologia os abandona ao falso sublime e ao orgulho doutoral. É preciso passar de um espírito ao outro a fim de corrigi-los um pelo outro; é preciso alternar as culturas para não arruinar o solo” (p. 91). Isso se aplica igualmente ao aprendizado de um novo idioma, facilitado pelo domínio de muitas línguas. Por fim, argumenta que os grandes sábios tenderam à universalidade do conhecimento.

Nesse sentido, a obra reitera a necessidade de organizar bem o tempo e os estudos, concentrando-se no que realmente importa. Ademais, “assim como nenhuma ciência particular basta a si mesma, assim também o conjunto das ciências não basta a si mesmo sem a rainha das ciências: a filosofia, nem o conjunto dos conhecimentos humanos sem a sabedoria proveniente da própria

ciência divina: a teologia” (p. 93). De resto, o problema de nosso tempo não é falta de informação, mas a sua harmonia, “que não se obtém senão com um apelo aos primeiros princípios” (p. 94).

Contra o caos, Sertillanges prescreve, pois, o ensino da teologia, espécie de enxerto divino na árvore da ciência e cujo melhor aliado é o Doutor Angélico. Recomenda também o estudo da *Summa*, do *Catecismo* tridentino e do latim. Em contrapartida, os falsos mestres devem ser evitados, pois a solidão é preferível “a um auxílio obtuso” (p. 97). O tomismo é considerado um ótimo recurso para a organização do saber. Antes, o Aquinate é “o homem deste tempo. Dá a impressão de ter sido criado com sete séculos de antecedência para saciar nossa sede” (p. 98). Seu pensamento serve como uma síntese, “uma arca salvadora, capaz de manter flutuando os espíritos no dilúvio das doutrinas” (p. 100).

A despeito do acima afirmado, a especialidade pode ser favorável aos estudos, quando visa melhor penetração num assunto, pois “o espírito enciclopédico é inimigo da ciência” (p. 101). Nesse sentido, requer-se sacrifício, humildade, avaliação dos temas a estudar e concentração. Para Sertillanges, “o semicientista não é quem só sabe metade das coisas, é aquele que só as sabe pela metade” (p. 103).

O capítulo sexto especifica o que seria o “espírito de trabalho”. Implica no

“fervor da pesquisa”, na escuta constante da verdade e na fuga do “grande inimigo do saber”, isto é, a indolência (p. 105-106). De fato, “o espírito do homem – pontuava Bossuet – pode descobrir até o infinito, apenas sua preguiça impõe limites à sua sabedoria e suas descobertas” (p. 106). As protelações e o desânimo devem ser evitados ao máximo: “O intelectual sincero diz a cada dia ao Deus da verdade: ‘o zelo por tua morada me devora’. [...] O infinito que está a nossa frente quer o infinito de nosso desejo para corrigir tanto quanto possível o desfalecimento de nossa força” (p. 107-108). Por isso, a disseminação ou a atenção convergente são um verdadeiro desastre para o espírito. Os gênios foram acima de tudo grandes pela aplicação adequada de suas forças em suas decisões.

O Autor retoma ainda o tema da indispensável submissão ao *verum*. Exige-se aqui a despreensão e o espírito de obediência, pois a verdade só é revelada aos humildes. Assim, adverte o Aquinate: “Ninguém, por mais sábio que seja, deve rejeitar a doutrina de um outro, por pequeno que ele seja” (p. 113). O que conta, antes de tudo, é a verdade. Para superar as amarras do puro estudo, os horizontes do saber devem ser alargados e o sentido do mistério fomentado, pois “as portas do infinito estão sempre abertas” (p. 117).

O capítulo sétimo, o mais elaborado, é dividido em três partes: a leitura; a organização da memória; as anotações.

Recomenda o Autor ler pouco e aprender de modo processual, pois “pelos riachos, não diretamente, deve-se ir ao mar”. Todavia, a leitura não deve ser omitida a todo custo, i.e., “deve-se ler inteligentemente, não apaixonadamente” (p. 120). A leitura desordenada é como a embriaguez, os romances são como venenos, e os jornais – cuja leitura diária é dispensável –, uma concessão à preguiça. É sempre mister “escolher os livros e escolher nos livros”, sobretudo de autores que brilharam por ideias mestras.

Sertillanges divide a leitura em quatro espécies: as fundamentais, as ocasionais, as que visam o treinamento ou edificantes e as relaxantes. Convém também escolher um pai intelectual (recomenda São Tomás, é claro) e eleger livros de acordo com as apetências pessoais, sem nunca olvidar os grandes clássicos. Por fim, sintetiza: “Leiam o que lhes agrada, o que não os entusiasma demais, o que não lhes é prejudicial de nenhum modo, e, já que, mesmo distraído-se, continuam sendo consagrados, tenham a inteligência de ler, em igualdade de utilidade para o descanso, o que virá a ser-lhes útil de alguma outra maneira, ajudando-os a se tornarem completos, a enriquecerem o espírito, a serem homens” (p. 127).

O contato com os gênios, por seu estímulo, inspiração e elevação é como a transposição da Comunhão dos Santos para o plano intelectual. Por exemplo, eles nos oferecem, por

suas máximas, “múltiplas experiências condensadas” (p. 130). O importante é sempre atrelar-se ao verdadeiro. Até o erro, por oposição, pode ser útil; afinal, quantas doutrinas da Igreja nasceram para impugnar heresias? Quantas ideias para combater litígios filosóficos? Quantas doutrinas foram aprimoradas pela conciliação de palavras de autores tão díspares? O Doutor Angélico não desprezou *a priori* sequer Averróis, a quem chamara de “depravador peripatético”.

Sertillanges ainda assinala: “A fonte do saber não está nos livros, ela está na realidade e no pensamento. Os livros são placas de sinalização; o caminho é mais antigo, e ninguém pode fazer por nós a viagem da verdade. [...] O principal benefício da leitura, pelo menos a das grandes obras, não é, diga-se de passagem, a obtenção de verdades esparsas, é a recrudescência de nossa sabedoria” (p. 136). O livro é simplesmente um estímulo, não um substituto de nosso conhecimento. Dos gênios se colhe inspiração e não pura reprodução, pois “Deus está em todos: saibamos honrar em nós o homem e em nós respeitar a Deus” (p. 139).

A organização da memória é também importante, sem necessariamente significar genialidade. Quantos gênios dela se lamentavam! De toda sorte, não seja ela sobrecarregada, cumulando-a somente de elementos salutares. Recomenda-se, nesse sentido, decorar salmos, orações, bem como os

fundamentos da doutrina católica para assim “santificar a memória” (p. 141).

O Autor ainda recorda as quatro regras tomistas para aprimorar a memória: 1) boa *ordenação* dos conteúdos; 2) fixar a *atenção* profundamente no assunto; 3) meditar nele frequentemente pela *repetição*; 4) utilizar recursos *mnemônicos*. Além disso, acrescentam-se outros conselhos, como: manter sempre a calma, cultivar a admiração, favorecer as correlações do passado com o presente, proceder com lógica e aprender a fazer anotações sistemáticas. Aqui não importa tanto a quantidade, mas sim a qualidade, a ordenação e a capacidade de manipulação de informações.

No capítulo sucessivo o teólogo se detém na parte mais ativa do trabalho intelectual, sobretudo em torno da escrita. Esse exercício visa antes de tudo o aperfeiçoamento pessoal, embora seja importante a sua transmissão pública, indispensável para o próprio aprimoramento da redação. Improdutividade conduz à passividade.

O estilo deve ser norteado pela busca da verdade: “Pensar é conceber o que é; escrever com verdade, isto é, em conformidade com o pensamento, é revelar o que é, não enfiar frases. Por isso, o segredo para escrever é colocar-se ante as coisas com fervor, até que elas lhes falem e determinem elas próprias o que deve expressá-las. [...] O grande estilo consiste na descoberta das ligações essenciais entre os elementos do

pensamento, e numa arte de expressá-las à exclusão de todo e qualquer balbuciar acessório” (p. 160).

É natural que o escritor se inspire em grandes gênios, sem desmerecer, contudo, a originalidade. O teólogo francês emite ainda um alerta contra o falso brilhantismo. Os floreios desnecessários são na realidade truques para esconder o vazio do pensamento. A simplicidade é fundamental, pois “um estilo completo – esclarece Gaty – é aquele que toca todas as almas e todas as faculdades das almas” (p. 163).

O tema da humildade retorna, ao especificar a necessidade do desprendimento de si mesmo quanto ao estilo, buscando ao mesmo tempo a verdade e abandonando as paixões, cálculos mesquinhos ou egoístas. Cumpre, pois, “trabalhar num estado de espírito de eternidade”. Recomenda ainda perguntar sempre se estamos “preparados a morrer pela verdade” (p. 164). Já a hipocrisia – a aparência de saber – é particularmente hostil ao trabalho. A falsa originalidade, orgulhosa por natureza, decai frequentemente em estupidez, pois “a verdade é essencialmente impessoal” (p. 165). O escritor deve buscar acima de tudo a aprovação divina, não a do público, na meditação da verdade.

O trabalho há de estar munido da “constância que se mantém pronta para produzir, da paciência que suporta as dificuldades, da perseverança que evita o desgaste do querer” (p. 168).

As transições de temas (concatenação) são muitas vezes penosas. Diante de um impasse, se aconselha por vezes a protelar ou mesmo buscar alguma distração temporária. É na oração que se adquirem forças para superar com coragem esses problemas. Nesse sentido, a tenacidade favorece o hábito de pensar, pois “o espírito se molda ao que lhe é pedido com frequência” (p. 172). Já a falta de constância consiste numa espécie de infantilidade. Sertillanges ainda sugere que a pesquisa deve ser empreendida à maneira de uma aventura de exploração. Já “o trabalho, como a batalha, exige heroísmo. Um gabinete se torna às vezes uma trincheira onde se tem de fincar o pé, tal e qual um verdadeiro mártir” (p. 173).

O teólogo dominicano aconselha ainda a fugir de pessoas agitadas: “No âmbito do espírito, a calma vale mais que a afobação. Aqui mais do que em qualquer outra situação se aplica o provérbio: quem espera sempre alcança” (p. 174). Ou ainda conforme as palavras evangélicas: “Aquele que perseverar até o fim, esse será salvo” (p. 175). Nessa direção, conclui: “O intelectual genuíno é por definição perseverante [...]; ele é um consagrado” (idem).

É melhor “fazer tudo bem feito e até o fim” (p. 176) do que compor em demasia. Vale recordar que a vida intelectual é uma vocação de entrega total e, por isso, tem “a obrigação do perfeito” (p. 178). Eis alguns requisitos: “refletir no início, começar pelo começo, proceder

metodicamente, avançar pausadamente, investir todas as suas forças” (p. 179-180).

O derradeiro capítulo oferece ainda alguns conselhos gerais para a vida intelectual. Ressalta o Autor que a aquisição de bom caráter importa mais do que o conhecimento alargado. O estudo serve para viver e não o contrário: “Todo especialista é antes de tudo uma pessoa, e o essencial da pessoa está para além de tudo o que se pensa, de tudo o que se faz. [...] Aquele que só pensa em seu trabalho, trabalha mal; [...] o espírito deve permanecer aberto” (p. 182). Importa, nesse sentido, cultivar as distrações – como a música e as artes – e “saber relaxar”, pois o trabalho excessivo é também um vício (intemperança). Já pontuava Francis Bacon: “É preguiça passar tempo demais estudando” (p. 187).

O devido descanso jamais seja descuidado. Quem não toma suficiente repouso, acaba sendo tomado por ele... Assim, o semitrabalho acaba se tornando um semirepouso. Reforça aqui mais uma vez a necessidade das distrações, tais como passeios e leituras prazerosas. As provações – como as críticas dos leitores – não de ser bem aceitas. As alegrias nascem, de uma parte, da renúncia ao egoísmo e, de outra, da contemplação da verdade, perfazendo-se no gozo. A verdade é, no fundo, a “santidade do espírito” (p. 196).

Por fim, Sertillanges retoma os preceitos tomistas, concluindo: “Se

colocares em prática esses conselhos, alcançarás o que desejas” (idem).

Cabe ainda uma observação conceitual. É duvidoso o sentido mais profundo das afirmações: “A alma é *igual* em todos; o Espírito sopra em todos; o intuito e as aspirações profundas são os mesmos para todos; *só o que varia*, além dos ânimos, *são os elementos cerebrais* mais ou menos livres e ativos, mais ou menos interligados” (p. 197). Se entendemos corretamente, é incompreensível para um tomista desconhecer o clássico brocardo “*forma dat esse*”, ou seja, a existência alcança a substância através da forma. Em todo caso, se esperaria uma conclusão correspondente ao ótimo corpo de texto.

Ao comparar alguns trechos da tradução com o original, evidencia-se a boa qualidade da versão de Lília Ledon da Silva. Um pequeno deslize foi a manutenção da versão francesa do nome do companheiro de São Tomás, “Réginald” (em português: “Reginaldo”; p. 118).

A obra de Sertillanges é de agradável e acessível leitura, muito recomendável a iniciantes na vida intelectual. Baseia-se certamente na rica tradição pedagógica clássica (no *Didascalicon* de Hugo de São Vitor?), mas tem o seu fulcro na filosofia tomista. Ademais, a vocação dominicana está sempre presente em

suas palavras, bem como a inspiração em grandes literatos franceses como Bossuet e Pascal.

O Autor permeia sempre a necessidade da humildade, da perseverança, da constância, da superação das provações, da busca incessante do *verum*, independentemente das opiniões alheias.

Enfim, após o triste episódio político na Igreja da Madeleine, Sertillanges sentiu na própria pele o peso da incompreensão, evitando buscar subterfúgios escusos. Mesmo seguro de sua correção, preferiu o silêncio, vivendo

no exílio. Como autêntico intelectual, consagrou-se, pois, à verdade, vindo a falecer em 1948, em meio a um retiro. Mas nem mesmo a morte o impediu de pregar. A obra, quase centenária, continua influenciando quem busca o progresso intelectual, alcançável, em suma, somente por intermédio da santidade. Se é certo que nem todos os intelectuais foram santos, também é certo que mais intelectuais o seriam se alcançassem o heroísmo da virtude. As ideias não nascem só dos neurônios, mas do homem inteiro...

Felipe de Azevedo Ramos, EP
(Professor – IFAT)